



# **A MORADIA COMO SÍMBOLO DE ESTIGMA NA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**

**RENAN LUBANCO ASSIS<sup>1</sup>**

**Resumo:** Esta proposta tem por objetivo pensar como as noções acerca do morador de áreas consideradas periféricas são construídas cognitivamente e como operam em determinadas situações sociais da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. Para tal reflexão foram realizados trabalhos de inspiração etnográfica com a duração de dois anos em um bairro tomado como periférico na referida cidade e a análise de conteúdo de notícias impressas de periódicos locais, nos quais a localidade era retratada. Como pano de fundo analítico tomamos emprestadas as noções de “identidade social virtual”, “identidade social real” e “estigma”, da abordagem situacionista goffmaniana, além de outras ferramentas fundamentadas no interacionismo simbólico e na fenomenologia social.

**Palavras-chave:** Interação social. Categorias sociais urbanas. Desqualificação social. Bairro.

## **Housing as a symbol of stigma in the city of Campos dos Goytacazes /RJ**

**Abstract:** This proposal aims to think how the notions about the inhabitants of areas considered peripheral are cognitively constructed and how they operate in certain social situations in the city of Campos dos Goytacazes - RJ. For this reflection, ethnographic-inspired work was carried out for two years in a neighborhood considered peripheral in that city and the content analysis of printed news from local newspapers, in which the locality was portrayed. As an analytical background, we used the notions of “virtual social identity”, “real social identity” and “stigma”, of the Goffmanian situationist approach, in addition to other tools based on symbolic interactionism and social phenomenology.

**Keywords:** Social interaction. Urban social categories. Social disqualification. Neighborhood.

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (UNF). Pesquisador da Universidade de Vila Velha/ES. E-mail: [renanlubanco@gmail.com](mailto:renanlubanco@gmail.com)

## **INTRODUÇÃO: A EXPERIÊNCIA COMO VIRTUAL**

A experiência social é pensada nesta discussão como uma ritualização de existências atravessadas por estoque de conhecimentos acumulados em processos interativos. E para dar

início à construção do que entendemos por experiência cabe uma reflexão que remonta ao pragmatismo, que passou do século XIX ao XX, e se tornou pano de fundo para abordagens no campo da sociologia urbana, fenomenologia social e psicologia social.

Grosso modo, podemos definir a experiência como uma relação entre o indivíduo e o ambiente. Cabe ressaltar que os processos cognitivos que emergem de tal prática não derivam de replicações do que já fora observado, mas da reflexão de como as ações podem ser mais efetivas (DEWEY, 2007). O pragmatismo, ao propor uma nova forma de se pensar na experiência, sugere que a razão não é apenas um aporte para o presente, mas ainda, a condição para que haja certa previsibilidade para decisões futuras. Esta filosofia torna o conhecimento atrelado à ação individual, passando do subjetivismo europeu para o individualismo ativo, uma readaptação das teorias do velho mundo à realidade norte-americana.

A filosofia do novo mundo construiu a base do seu pensamento na crítica ao racionalismo puro, sem consideração da experiência. Há de convir que a própria ciência necessita de experimentos para se testar hipóteses que outrora estavam no campo da razão. Peirce (2007, p. 8) ressaltava que “a nossa ação tem referência exclusiva ao que afeta os sentidos, o nosso hábito tem o mesmo comportamento que a nossa ação; a nossa crença, o mesmo que o nosso hábito; e a nossa concepção, o mesmo que a nossa crença”.

A experiência, portanto, seria o fundamento dos postulados de ação, e é nesse bojo filosófico que emerge a proposta interacionista (BLUMER, 1982) que toma os significados que orientam a ação como oriundos da relação social. A agência, portanto, é reflexo da vida cotidiana. Os esquemas conceituais mobilizados por atores individuais na interpretação e representação de situações ordinárias são derivados dos contextos de interação, nos quais estes se encontram inseridos numa construção fundamentada na ação recíproca.

A percepção do autor de que todos os grupos humanos são compostos de *pessoas em associação*, torna-se um aporte para se pensar objetivamente como os comportamentos são elaborados e como os atores envolvidos dão respostas aos estímulos recebidos em um processo de interação. É no interior das associações humanas que os símbolos são interpretados, e uma *relação social típica* na perspectiva interacionista seria aquela em que um ator se posiciona em uma situação social indicando como os demais deverão agir. Sob este aspecto a “ordem social” é entendida não apenas como atravessada pela normatividade, mas elaborada a partir de negociações (JOAS, 1999).

Outra colaboração fundamental para o entendimento da ação individual no processo social foi a dada por Mead (1974), na qual os atores em relação aos outros desenvolvem seus papéis sociais. Estes seriam elaborados e interpretados por meio de conversações e gestos. A experiência social, nesse caso, é constituída pela comunicação e conversação. Esse é o meio pelo qual o corpo torna-se pessoa diante dos demais membros de uma comunidade, que irá esperar um comportamento individual compatível com o que papel que essa adotou.

A adoção dos papéis sociais, entendida como a construção do *self* ou personalidade, exige do indivíduo muito mais do que a posição de um mero receptor, que absorverá as informações transmitidas pelo seu grupo de modo integral. Ao indivíduo, no seu processo de consolidação como pessoa, cabe a realização completa das atividades mais gerais que constituem a vida do grupo, por meio de um processo discursivo, autoconsciente; sem que haja conflito entre sua ação e a ação de outro membro. Nesse sentido, não há uma simples repetição de comportamentos observados, mas o entendimento da sociedade no seu sentido mais amplo e o engajamento situado no grupo social ou outro generalizado (*Ibid.*, p. 133). O *self* atingiria o seu pleno desenvolvimento, portanto, quando as atitudes individuais se tornassem passíveis de serem organizadas em grupos.

Tornar-se membro da sociedade, desse modo, é ter um comportamento que corresponda às expectativas de um grupo, reflexo de uma “personalidade organizada”. O aperfeiçoamento do engajamento do indivíduo no grupo, como já destacado no parágrafo anterior, ocorrerá mediante a linguagem; a interação em seu sentido concreto. A comunicação possibilita a existência de uma sociedade comum, na qual a pessoa tem uma expectativa prévia de como o outro irá se comportar e *vice-versa*. Esse processo de organização constitui personalidade interior de uma comunidade com a adoção das instituições que esta dispõe.

Em uma reflexão fenomenológica muito próxima à reflexão de Mead, o filósofo Schutz (2012) estabeleceu um diálogo entre a sociologia compreensiva de Max Weber, a fenomenologia de

Edmund Husserl e a filosofia pragmática de Willian James. E dentre as várias abordagens que o autor delineia no campo da fenomenologia social, cabe aqui elencarmos a noção de “conduta investida de significado”, conceito que expressa familiaridade com quadros teóricos que tomam a realidade social como constituída pela negociação, na qual a atitude individual será orientada pela experiência significativa; partilhada com outros em um mundo concreto.

Dessa forma o autor estabelece dois tipos de experiência: as primeiras seriam as “sentidas” e “sofridas”, enquanto as do segundo tipo consistiriam em “atitudes tomadas”. Atitude, no sentido mais estrito, refere-se ao comportamento, que pode ser traduzido como “uma experiência da consciência que atribui significado mediante a uma atividade espontânea” (Ibid., p. 79). Processo de significação é entendido como a interpretação dada aos comportamentos. Em outras palavras, pode-se compreender a ação social como dotada de reflexividade, na qual a atividade do ator é compreendida como orientada pela capacidade deste de interpretar os significados do mundo no qual está inserido.

Cabe destaque o modo como Schutz (2012) compreende o processo no qual o ator individual elabora seus esquemas de interpretação, orientados pelo que este denomina “tipificação”, ao qual estão subordinados os sistemas sociais, papéis, *status*, expectativas em relação ao papel, situação e institucionalização. Estes elementos são tomados como compostos por uma “rede de tipificação”. A tipificação, em linhas gerais, pode ser definida como padrões encontrados no mundo social, adquiridos por meio de uma herança sociocultural. Em uma crítica à interpretação do mundo como fruto de um processo de racionalização defende uma experimentação do mundo natural e sociocultural em termos de tipos (Ibid., p. 133).

O indivíduo, portanto, ao nascer em um mundo social insere-se em uma estreita rede de relações sociais que irá fornecer quadros de referências para que esse possa solidificar seu estoque de conhecimentos e a partir deste agir. Nesse processo formas de institucionalização dos símbolos e signos serão tomados como naturais, um “pensar como de costume”. Com base nesse esquema de interpretação do mundo tipificado, o ator social tomará a “realidade” como uma “província finita de significado”, um ambiente no qual circunscreveu suas experiências passadas e presentes. Estas, constitutivas das biografias individuais, em relação a outras realidades produziram o que o autor denomina “choque de realidade”, que levaria os envolvidos a se acomodarem aos “objetos” aos quais foram expostos ou confrontá-los.

Os autores mobilizados até aqui respondem parcialmente às questões relativas à interação social, pois apresentam esquemas mais amplos de como os autores se movem situacionalmente nos contextos de experiências, mundos, outro generalizado ou realidades. Em uma perspectiva micro, mas sem perder de vista o macro, Goffman (2012) busca soluções para um entendimento da organização da experiência no âmbito dos encontros face a face envolvendo diferentes participantes em uma mesma atividade.

O ambiente social, nessa perspectiva, seria composto por “ações guiadas” que submete o agente a padrões avaliados socialmente de acordo com condutas estimadas em uma determinada sociedade. O agente é dotado do que o autor denomina esquemas primários de interpretação, que irão auxiliá-lo na observância das ações correspondentes às deliberações presentes na cena. Ou seja, os participantes/observadores de uma ocasião social projetam seus quadros de referência sobre o mundo imediato, e ações inadequadas serão avaliadas como *anormais* (Ibid., p. 45-66). O ambiente social, portanto, “estabelece categorias de pessoas que têm probabilidade de serem nele encontradas” (GOFFMAN, 1988, p. 5).

As categorias e atributos passíveis de serem encontrados em um indivíduo são compreendidos como a sua *identidade social*. Esta irá conferir a esse o papel ou papéis que desempenha na sociedade e estes poderão qualificar como aprovável ou reprovável a sua identidade. Por meio desse esquema de interpretação há uma expectativa sobre o que o ator presente no mundo imediato deveria ser efetivamente. Lançaremos mão de dois conceitos fundamentais para pensar no ordenamento da vida social na compreensão goffmaniana: a “identidade social virtual” e a “identidade social real” (Ibid.).

A identidade social virtual é imputada a partir da expectativa que se tem de um indivíduo; a identidade social real é composta por atributos que ele prova possuir. Em uma situação social os indivíduos em interação possuem algumas expectativas sobre os atributos uns dos outros com

base nesses parâmetros. E quando um indivíduo ou grupo não se situa nas características sociais previstas para eles, há o que o autor chama de “discrepância”.

Os atributos sociais irão servir de valoração nas situações sociais, e aqueles que desviam da norma esperada por um determinado grupo, serão tomados como estigmatizados, incidindo na desqualificação da identidade social desses. O autor destaca três diferentes estigmas possíveis de serem encontrados no mundo social: as limitações físicas, desvios de caráter e os relacionados às pertencas tribais, religiosas e raciais. Lembrando que estes são tomados em contextos nos quais os ideais normativos assim o consideram (GOFFMAN, 1988, p. 7-8).

Os estigmas operam no mundo social por meio de sinais visíveis, nos casos de questões envolvendo limitações físicas ou aspectos étnicos e raciais; ou por meio de sinais de comportamento, em casos que não são percebidos fisicamente. Quando há uma percepção prévia do estigma no indivíduo, este é tomado como *desacreditado*, mas quando há suspeição, *desacreditável*.

Estes elementos serão fundamentais para que possamos pensar nas diferentes categorias sociais presentes no espaço urbano e como os indivíduos ou grupos operam nas situações face a face em uma relação entre *desacreditáveis*, que neste artigo será a moradia em um bairro tomado como desqualificado socialmente, por moradores de outras áreas estimadas da cidade e pela mídia impressa.

## A CIDADE VISTA PELO BAIRRO: UMA AGENDA DE PESQUISA

Quando propusemos a realização de uma descrição densa das relações sociais de moradores de um bairro na cidade de Campos dos Goytacazes, pudemos perceber que no decorrer do processo as interações estabelecidas entre seus moradores e a cidade remontavam processos mais amplos relacionados aos projetos de expansão da área urbana da cidade, que estavam intimamente ligados às propostas de urbanização do modelo nacional do final dos anos 1930 e 1940, no qual combatia-se, por meio de intervenções nas cidades brasileiras, o denominado *problema favela*<sup>2</sup>. E no caso do qual este artigo parte, o combate estava fundamentado na narrativa de consolidação de uma Campos moderna e industrial (ASSIS, 2021).

A pesquisa que deu origem à discussão trazida neste artigo partiu da pesquisa de inspiração etnográfica, cuja experiência do pesquisador com os moradores do bairro não ficou limitada à realização de entrevistas pontuais. A relação desse com a localidade, para além da pesquisa, era também de moradia, portanto o que denominamos *pesquisador nativo*. Esta inserção possibilitou um maior entendimento das interações no bairro, ultrapassando as que já havia estabelecido em experiências anteriores. No processo de pesquisa foi possível uma compreensão das densidades das relações sociais que até então eram desconhecidas. A passagem de morador para pesquisador tornara-se algo inevitável aos olhos dos interlocutores. Uma conversa rotineira tendia a se converter em uma narração de fatos históricos relacionados às mudanças na infraestrutura do bairro, situações vivenciadas nos desfiles da escola de samba, antigas partidas de futebol, visita de políticos ou personalidades importantes, ou apenas questionamentos sobre o teor da pesquisa.

Uma limitação possível na realização de uma pesquisa no formato que se propôs seria o vício dos resultados vinculados aos círculos sociais do autor, porém, como forma de superar esta restrição, buscou-se um acesso aos moradores do bairro com base em suas filiações institucionais no interior do mesmo, e para isto foram selecionados os principais públicos possíveis: integrantes da escola de samba, da igreja batista, do time de futebol, e estudantes universitários que tinham uma circulação intensa nos “dois lados” da cidade.

Após uma imersão nos mencionados públicos foi estabelecido um formato de entrevista com base na conversação (GARFINKEL, 1984), sem todo formalismo de uma entrevista convencional, orientada por perguntas e respostas. Em princípio foi utilizado um formato semiestruturado, mas dadas as limitações relativas ao desconforto dos interlocutores decidimos adotar uma técnica que tornasse menos mecânica e mais próxima a comunicação entre pesquisador e pesquisado.

Definido o ponto de partida, buscamos indicações de atores que correspondiam ao grupo selecionado e, no processo, conseguimos realizar 22 duas entrevistas com 19 moradores do bairro, que compreendem as seguintes categorias sociais da localidade: comerciantes, empregadas domésticas, funcionários públicos, donas de casa, taxistas, universitários de instituições de ensino

superior público e profissionais liberais. Cabe ressaltar que as entrevistas não limitaram a relação estabelecida com os entrevistados, pois para além destas fora estabelecida uma comunicação constante com estes no bairro, fora dele ou por meio de rede social.

Iniciado o trabalho de campo, que se deu entre os anos de 2013 e 2015, verificou-se a necessidade de uma complementação da pesquisa com dados secundários sobre a localidade. Esses dados foram obtidos em periódicos municipais de grande circulação, a partir da sugestão dos interlocutores sobre o jornal mais lido por eles; em uma pesquisa por acervos de jornais dos anos 1930, 1940 e 1950, por meio de buscas *on-line* no acervo da Biblioteca Nacional Digital; e em alguns exemplares do Guia Geral da Cidade de Campos dos Goytacazes, que fora criado nos anos 1940, para dar suporte com informações gerais sobre a cidade ao Plano de Remodelamento Urbano da Cidade na gestão do Prefeito Salo Brand, nomeado para o cargo pelo governo estadual entre os anos de 1939-1940 e 1942-1945.

Os diferentes instrumentos mobilizados para a realização da pesquisa conduziram a uma compreensão das experiências vividas no bairro como relacionadas às experiências mais amplas de gestão do espaço urbano no intuito de “integrar” as populações periféricas aos projetos de modernização da cidade, cujo foco seria extinguir os modos de vida que remetiam à vida rural.

## CATEGORIAS SOCIAIS URBANAS

Foi para esta região [Guarus] que a partir do século XVII foram deslocados os índios, afastados da Baixada e de onde hoje é a área da cidade ocupada pelo homem branco. Para lá foram os negros e pobres do séc. XIX e XX (...) Guarus é hoje o maior concentrado da pobreza do município, a maior concentração de favelados, desempregados e subempregados, mas também é o local em que está situado o Distrito Industrial. (TAVARES, 1982).

Esta seção inicia-se com um trecho da notícia intitulada “O outro lado do rio toma o poder”, na qual o periódico noticiava a conquista da eleição para a prefeitura de Campos por um morador de Guarus, José Carlos Vieira Barbosa, o “Zezé Barbosa”, bem como a de dois vereadores também moradores da localidade, Plínio Dutra e Altamir Bárbara; e o deputado estadual mais votado no município: Amadeu Chacar. O periódico, ao noticiar tal ocorrência, sinalizada como sendo algo atípico, destaca Guarus em uma posição não reconhecida anteriormente. Mas o que seria “o outro lado”, se ele faz menção a localidades de uma única cidade? Quais eram as especificidades das duas regiões?

A localidade que toma o poder é apresentada como concentradora de uma série de grupos desqualificados socialmente em contraste com o lado em que o jornal se posiciona, e com o “homem branco”, ideal de normatividade assumido no corpo da notícia. Ao escrever a matéria, o editor deixa claro a identidade social do morador do “outro lado”, que não é a do “homem branco”, mas sim o “favelado”, “desempregado” e “subempregado”. Estas expectativas construídas a respeito do morador de Guarus estão evidentes tanto no senso comum, como em veículos midiáticos, como destaca Huguenin (2011):

Aqui em Campos, o que reparte geograficamente a cidade é o Paraíba. É a partir dele que se define Guarus, esse lugar repleto de estigmas e visto por nós, moradores do outro lado, com a negatividade da ignorância. O primeiro indício dessa valoração é a referência generalizada que se faz da região. Enquanto aqui nos referimos aos bairros, separando com precisão cirúrgica a Pelinca de Nova Brasília, nosso olhar ultra rio não separa o Jardim Carioca de Santa Rosa, misturando e denominando tudo como simplesmente Guarus. A outra impressão incorreta é imaginar que seus moradores são exclusivamente pobres, que possuem baixo grau de escolaridade e que seu gosto cultural é fundamentalmente popular, como se do lado de cá não existissem favelas, gente desinformada e bailes funk. Sobre a rotulação territorial, se fabrica uma distância social tão icônica quanto estereotipada.

Huguenin (2011), em seu artigo escrito em uma coluna de jornal, conseguiu sintetizar as expectativas dos moradores do “lado de cá”, no caso margem direita do rio Paraíba do Sul, em relação aos moradores do “lado de lá”, que são “desqualificados” e potencialmente “desinformados”, de gosto musical “popular”, com “baixo grau de escolaridade” e “exclusivamente pobres”. No primeiro momento, evidenciamos o trecho de uma notícia que construía em seu corpo um perfil do morador de Guarus sempre associado à desqualificação. Na segunda citação, destacamos um artigo que organiza os sentimentos dos moradores da cidade de Campos que moram de um lado do Rio Paraíba em relação aos que moram do outro lado.

Diante da exposição que fizemos até aqui, colocamos em evidência, de modo grosseiro, a identidade social virtual dos dois lados. Em uma aproximação empírica podemos chegar a infinitudes de símbolos de prestígio e de estigma que categorizam os diferentes bairros nos dois lados da cidade. O local onde começou a ocupação “formal” de Guarus, Jardim Carioca, contíguo à margem esquerda do Rio Paraíba, é apresentado pelo mesmo periódico como uma área central da região que, a propósito, era aonde moravam os políticos mencionados. Os demais bairros não fazem parte do corpo da notícia, exceto o Parque dos Prazeres, que o editor coloca como possuidor de “nada”, ao contrário do Jardim Carioca, “que tem tudo, ou quase tudo”. Mais à frente, continua: “mas Guarus não é só o Jardim Carioca, onde reside expressiva parcela da classe média de Campos, bem perto está a Favela da lagoa do vigário (...)”. Ao se referir à favela, faz questão de dissociá-la do bairro, mantendo sua identidade social um símbolo de prestígio, em um recurso de manipulação de uma possível deteriorização de sua identidade.

No parágrafo anterior ele deixa claro o valor que Guarus passa a ter, quando ele passa a abrigar não somente os políticos referidos, mas ainda a “expressiva parcela da classe média Campista”. Esta é considerada uma forma de prova de que o bairro corresponde à normatividade idealizada pelo jornal e, conseqüentemente, dos seus leitores em potencial, a classe média campista. Por outro lado, o Parque dos Prazeres e as outras áreas habitadas de Guarus não citadas no jornal são lugares possuidores de “nada”, pois não são moradias dos grupos que representam o ideal normativo projetado, mas sim dos “favelados”, “desempregados” e “subempregados”, grupos sociais desqualificados socialmente.

Dentre as outras áreas de Guarus não citadas encontra-se Custodópolis, cuja formação social não correspondia à expectativa da matéria, leia-se: “não era território de morada expressiva da classe média campista nem de políticos”. Ou, pelo menos, não era reconhecido como tal, visto que na década de 1940 elegeu um vereador que teve atuação política em âmbito local e estadual vinculada ao Partido Comunista do Brasil – PCB (ASSIS, 2021).

O bairro surge como uma pequena localidade nascida em uma antiga fazenda da região e nos anos 1940 integra o projeto de remodelamento urbano projetado na gestão do prefeito Salo Brand (ASSIS, 2021). A região era isolada, cercada de áreas de plantio de cana e criação de gado, formando barreiras que dificultavam a circulação dos seus moradores na região central do município. O mercado de trabalho predominante nesse período era relacionado às usinas de açúcar São João e Sapucaia e o sistema de trabalho era por empreitada, no qual os trabalhadores eram contratados por um empreiteiro, conhecido por “chefe de turma”. Este dispunha de ônibus, chamado “ônibus de turma”, que conduzia os trabalhadores até às lavouras (Ibid.). Os rendimentos dos trabalhadores eram mediante a produtividade, cujo valor recebido seria equivalente aos metros de cana cortada e limpa. Após o plano de remodelamento, a região é integrada à área central com a criação de novos bairros que possibilitaram a criação e melhorias de vias de circulação e implantação de serviço de transporte coletivo que atendia o Parque Guarus, vizinho à localidade.

A região, bem como as demais áreas de Guarus, teve crescimento significativo a partir dos anos 1950, quando se iniciou um processo de migração campo cidade por parte dos moradores das áreas rurais do município e de moradores do estado do Espírito Santo (Ibid.). Nos anos 1960 foi instalado um Centro de Serviço Universitário (CSU) no bairro e foi aberto um campo de pesquisa; em um primeiro momento, para profissionais do Serviço Social, Medicina e Direito e, na medida em que outros cursos universitários eram criados no município, novas pesquisas passaram a ser realizadas. O local tornou-se, portanto, uma *Corneville* campista<sup>3</sup>.

Em pesquisa realizada no final dos anos 1960, o perfil ocupacional dos moradores era de profissões relacionadas às usinas de cana-de-açúcar e pequenas profissões urbanas. As

identificadas foram: corte da cana, limpeza de lavouras de cana, pedreiros, carroceiros, padeiros, barbeiros, sapateiros, pintores, eletricitas, pescadores e mecânicos entre os homens, enquanto as mulheres dedicavam-se ao trabalho doméstico, atuando como cozinheiras e lavadeiras nas residências da sede da cidade e as crianças, como vendedores ambulantes na área urbana da cidade (CARNEIRO et al., 1968).

A partir dos anos 1960 o bairro começa a receber serviços básicos de infraestrutura e ocorre maior dinamização da circulação em virtude da criação de uma nova ponte que permitia melhor acesso à área central: a ponte Saturnino de Brito, conhecida por “ponte da lapa”. No final dos anos 1970 é iniciada a obra de aterramento da Lagoa do Vigário, cuja existência tornava-se uma barreira natural para se chegar à ponte Barcelos Martins, que possibilitava o acesso à área central próxima ao Mercado Municipal, local que empregava boa parte dos moradores do bairro em trabalhos informais relacionados à venda de verduras, frutas, legumes, animais de pequeno porte, roupas, calçados, utensílios domésticos e comércios variados do ramo alimentício e de produtos religiosos (ASSIS, 2021; FREITAS, 2006). Com essa intervenção, a circulação dos moradores de Guarus de então é facilitada, gerando impacto na dinâmica demográfica, que se amplia em diversos pontos da região.

O que foi apresentado até então deixa claro o pano de fundo da notícia citada no início desta seção: uma área distinta das habitadas pela classe média campista. Sua tipicidade, portanto, é apresentada como composta por trabalhadores de baixa qualificação e grupos sociais vulnerabilizados. Este esquema de interpretação utilizado pelo periódico não é um privilégio deste, pois como já destacado acima, está nas representações sociais vigentes na cidade sobre a região e essas são responsáveis pela compreensão da identidade social virtual dos seus moradores, que são confrontados diariamente na interação face a face no espaço urbano.

Ser morador de uma área mal reputada implica a imputação de características tomadas como típicas nos seus respectivos moradores e esse processo de imputação é objeto de confronto entre moradores e não moradores de áreas desacreditadas em espaços de interação desses dois grupos. A relação face a face entre estes sujeita o morador não típico – do ponto de vista das representações vigentes – a provas de que é morador do bairro apesar de não corresponder às expectativas que se tem sobre a identidade social esperada para tal.

## **ATRIBUTOS IDEALIZADOS E ATRIBUTOS ENCONTRADOS: INTERAÇÃO ENTRE MORADORES E NÃO MORADORES DE UMA REGIÃO ESTIGMATIZADA**

No final da seção anterior, apresentamos uma categoria social que surge no interior do bairro em interação fora dele, sobretudo em espaços frequentados pela classe média campista: o morador não típico. Este novo ator emerge no bairro na terceira geração dos migrantes que chegaram à localidade entre os anos 1950 e 1970. A interação desses com outros jovens em contextos universitários os colocaram em situações de provas relacionadas às expectativas que seus novos pares possuíam sobre as características que um morador da região deveria possuir.

Como caso emblemático tomamos o relato de uma jovem que acessou o curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense – Polo Campos dos Goytacazes/RJ:

**[Tem mais uma coisa que eu gostaria dizer para encerrarmos]**

**Aline:** Ela é sua amiga lá da igreja ou de Custodópolis?

**Caroline:** Lá da igreja, mas ela mora lá, mora na minha rua, mora do outro lado.

**Aline:** Mas ela é de Custodópolis?

**Caroline:** Tipo, não pode ter dentista em Custodópolis, não pode ter universitário, não pode ter... Tem que ter lá: empregada doméstica, algumas pessoas que trabalham no comércio (no centro, né), trabalhar na Vivo é muito bom até, já não é mais aquele comércio popular, né? É pegar a linha de ônibus Santa Rosa [o quê?]. A linha de ônibus Santa Rosa. Zoam muito. A linha HGG X Santa Rosa, zoam muito pela visão mesmo né? Que têm de Custodópolis [...] Teve uma vez que eu fui falar da mulher de Jalime, Suane, [que] duas, três vezes por semana ela vai

lá [no bairro], ela faz parte do Grupo Espírita, ela tem uma Land Rover branca, e ela vai lá assim... Ela [Aline] conhece a pessoa. Aí eu comentando e ela me pergunta:

**Aline:** Mas ela vai lá, mas ninguém para o carro dela não?!

**Caroline:** [...] Vão parar o carro da mulher pra quê? [...]

**Aline:** Não, não estou falando você não, eu estou falando assim, das pessoas de lá.

**Caroline:** Como assim, eu também sou pessoa de lá?! Como assim? [Aí eu fiquei instigando a pessoa, e ela já começou a ficar meio irritada, retraída assim, tipo, ‘o quê, quê...’ A pergunta que ela fez, né? Eu sou pessoa de lá].

**Aline:** Não, eu tô falando assim, os bandidos.

**Caroline:** Oh, onde você mora também deve ter bandido. Bandido pra você é o quê? Que anda com arma, que participa do tráfico. Bandido é o quê? Lá do outro lado também deve ter. Perto da sua casa deve ter, cê vê ele parando seu carro? Eles não param carro assim.

[...] Não pode ter dentista, engenheiro, não pode ter Land Rover, cê não pode ter nada por ser de Custodópolis. Tem que andar de ônibus, ser empregada doméstica e pegar o ônibus HGG X Santa Rosa para trabalhar.

A jovem universitária, por meio do relato sobre um diálogo realizado com uma amiga moradora “do outro lado” do rio Paraíba do Sul, demonstrou as categorias que compõem a identidade social virtual dos grupos que habitam a localidade. Para além do diálogo, ela menciona o modo como ela percebe a “visão” dos outros sobre o bairro que, em algumas circunstâncias, se evidencia pela jocosidade. Este recurso, de acordo com Radcliffe-Brown (1949, p. 196), suspende a tensão entre próximos e dá permissão ao desrespeito.

Em espaços de sociabilidade fora do bairro, a reputação negativa circula entre próximos por meio de piadas e comentários jocosos, na forma da “zoeira”, na qual [...] a crítica é apresentada como se não fosse séria ou relevante, mas proporcionando, ainda assim, a colocação de algo do comportamento/das características do outro em questão” (WERNECK, 2015, p. 190).

O mal-estar produzido em sua interação nos espaços de circulação de grupos de classe média a leva para processos de manipulação da identidade social dos moradores do bairro, a partir de sua experiência particular e, ao fazer isso, busca distinguir-se dos demais moradores do bairro que ainda exercem ocupações de baixa qualificação.

No ano de 2012 foi publicada uma pesquisa sobre as principais ocupações do bairro, e as 5 principais que ranquearam o questionário com 333 entrevistados foram: 29,2% em atividades “do lar”; 15,3% em serviços domésticos, em atividades de diarista, lavadeira, faxineira, cozinheira e empregada mensalista; 8,4% em atividades auxiliares diversas; 7,8% em atividades relacionadas ao comércio e 4,5% em atividades técnicas diversas (SILVEIRA et al., 2012). Os demais respondentes distribuíam-se entre outras profissões pouco remuneradas, que não requeriam diploma de curso superior. Apesar de não ter aparecido entre os entrevistados pessoas com nível superior, parte da pesquisa qualitativa que compôs a referida publicação identificou alguns jovens cursando universidade (Ibid.).

A partir dos dados elencados acima, podemos inferir que o serviço doméstico ainda se faz presente entre os moradores do bairro. Os dados levam para a compreensão do bairro como ainda composto por trabalhadores de baixa qualificação, e o que interessa nessa abordagem é um entendimento de como os moradores não típicos manipulam a identidade em uma tentativa de eliminar uma reputação do lugar vinculada a ocupações de baixa qualificação e problemas relacionados à violência urbana.

A tensão da Caroline está entre um bairro percebido e um bairro conhecido. Há uma discrepância entre o que ela entende como sendo a identidade social real e a identidade social virtual dos moradores do bairro. Ao ser inquirida sobre o bairro durante todo o processo de pesquisa para a realização do trabalho que fornece suporte para este artigo, ela apresentava o bairro a partir das situações de desqualificação sentidas em interação com seus novos pares da



universidade, local com o qual ela passou a se identificar. E em situações de prova fazia um grande esforço para contestar os estigmas que eram reputados ao bairro.

No esforço de confrontar os estigmas sentidos, busca fornecer provas de que os problemas do bairro não são os que o caracterizam, voltando para a sua amiga as mesmas acusações, sugerindo haver problemas relacionados à violência no bairro dela também. Os problemas, portanto, são tomados como possíveis nas demais áreas da cidade. Carolina, ao confrontar as representações sobre o seu bairro, confronta não somente a sua amiga, mas as vigentes em espaços na margem direta do rio Paraíba do Sul e na esfera midiática. E destaca que a percepção dos seus pares da universidade é formulada a partir do modo como o bairro é noticiado, como na declaração a seguir:

***[E esses amigos que não te levavam a Custodópolis? Eles já estiveram em Custodópolis? Como eles sabiam que Custodópolis era violento?]***

***Caroline:*** *Por falar, por acharem que era violento, por reportagem. Porque pode acontecer alguma coisa, é na... No Parque Novo Mundo, que é um bairro vizinho: Aconteceu em Custodópolis! Matou no Nova Campos em frente do Rotary: Aconteceu em Custodópolis! Então, tudo acontece em Custodópolis. Por ser também um bairro de circulação de outros bairros... Pra você ir para um bairro é mais fácil você ir por dentro de Custodópolis... Para o Santa Rosa, Casa de Custódia... Então, por ser um bairro de circulação, que as coisas às vezes acontece ali [em Custodópolis]. Mas pensavam mesmo que tinha aquelas barricadas ali, tipo: ‘ninguém vai passar ali, abaixa o farol, abaixa o vidro pra vê quem é [...].*

Assim, a notícia trabalha com a divulgação de rumores que acabam provocando um sentimento de insegurança nos moradores do “lado de lá”. Caroline ressalta a notícia sobre a violência no local como um fator que oferece suporte para que seus amigos tenham receio de irem ao bairro, “Tipo, eu falo uma coisa, o jornal... a mídia diz outra e eles ficam meio receosos, assim”.

Ao encontrar tais situações, depara com uma percepção que vai de encontro à sua; portanto, envolve-se em uma disputa cujo fim é conferir provas de que estão equivocados. Esse momento ocorre no mundo prático da Caroline quando ela se defronta com uma certeza que põe seu mundo de origem à prova.

O que está em questão não é simplesmente a existência da violência no bairro, mas a atribuição dessa característica como elemento constitutivo da localidade – sua *essência*. Os jornais locais acabam se tornando vetores dos processos nos quais as localidades são objetos de rumores. Usar a categoria “lugar violento” produz efeito na circulação dos moradores, pois em um “lugar violento” não se deve transitar. A categorização do bairro como um “lugar violento” é inerente a uma ampliação dos limites do bairro para além das suas fronteiras administrativas. Situações envolvendo o crime violento nos bairros vizinhos são noticiadas como ocorrências em Custodópolis.

Carolina está sendo apresentada como um caso emblemático de situações de desqualificação pelas quais os moradores do bairro passam em interação com os demais moradores da cidade em espaços de circulação da classe média, mas cabe ressaltar que há o outro lado de uma mesma moeda: os moradores possuidores das características que ela negligencia.

Como destacado acima, ela, sendo universitária, representa uma parcela dos moradores do bairro e vislumbra um processo de alteração no modo como o bairro é compreendido pelos seus pares. Estes, em relação com ela, têm a possibilidade de acessar uma opinião que contraria as representações vigentes sobre o espaço, que foram formuladas durante um grande período histórico de forma monológica.

As reflexões trazidas até aqui ajudam na compreensão do modo como as reputações sobre grupos, pessoas e lugares são efetivadas nos espaços de sociabilidade nos quais diferentes atores ou grupos emitem opinião sobre outros, e acessam as que estes emitem sobre si. A partir dessa leitura lançamos mão de uma interpretação da ordem social como elaborada e reelaborada a partir das representações de uns sobre outros e *vice-versa*. As representações, no caso demonstrado,

podem ser elaboradas sem que haja interação face a face. Esta fornece a possibilidade de confronto entre as ideias mais globais e as particularidades de determinados grupos ou pessoas.

A estudante universitária representa as particularidades de um grupo tomado globalmente como desqualificado em um plano abstrato; portanto, uma moradora não típica do ponto de vista mais genérico sobre os moradores do bairro. Ao argumentar sobre as possibilidades de problemas nos demais bairros da cidade, faz uso de um raciocínio sociológico prático<sup>4</sup> no sentido de refutar interpretações grotescas da realidade social. O que a torna sensível na compreensão das particularidades que podem envolver duas ordens sociais diferentes é a capacidade de trânsito por ambas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS DOIS LADOS DE UMA MESMA CIDADE**

A partir dos movimentos de modificação e ocupações urbanas, a cidade de Campos dos Goytacazes recebeu diversas moralidades que acabaram se ressignificando a partir de processos de interação. Este processo possibilitou a redefinição moral da cidade, inerente a novos tipos sociais categorizados como pares desejados ou não. A cidade, nesse sentido, é um complexo de categorias sociais que impõe novas modalidades de interação no espaço. Na medida em que os grupos outrora excluídos de determinados espaços de sociabilidade locais começam a adentrá-los, disputas são travadas e esquemas normativos vigentes socialmente começam a ser refutados.

Em um olhar atento para os atributos imputados em uma área tomada como periférica da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, podemos chegar a algumas conclusões sobre a forma em que as imputações operam nos planos macrosociais e microsociais. Temos clareza de que existe uma grande dificuldade de mensuração da complexidade que envolve o social; no entanto, por meio de uma análise situacionista, pode-se chegar a algum consenso de como as identidades são concebidas no campo da experiência.

Como já destacado por meio de abordagens empíricas e teóricas, a experiência social ocorre no ambiente imediato levando em consideração um estoque sociocultural transmitido pelas gerações anteriores, que fornecerão ao ator individual esquemas de interpretação. Estes serão limitados pela interação que deles dispõe. Quanto menor for a intensidade da interação com outros grupos sociais, menor será o seu estoque.

Tomando como exemplo a relação de Carolina com seus pares da universidade, pode-se compreender os limites interpretativos dos atores envolvidos nas situações descritas por ela. Os conhecimentos obtidos acerca do seu bairro eram acessados pelos universitários por meio de informações secundárias de uma realidade social concreta. Portanto, o que se sabia sobre as categorias sociais presentes em Custodópolis correspondia à identidade social virtual dos seus moradores, em uma perspectiva macro.

Em relação com Caroline os universitários acessavam as informações sobre o bairro em uma escala menor, na qual as categorias sociais eram passíveis de serem diversificadas como em qualquer outro da cidade. A realidade social concreta, para além das notícias de jornal, é composta por distintas classes sociais, como nos bairros da margem direita. A questão vai muito além de provar ou não se há pessoas com “Land Rover” no bairro, mas confrontar as expectativas vigentes sobre as categorias sociais presentes no bairro.

A contestação dos atributos recebidos posiciona Caroline em um lugar distinto do que se espera que ela ocupe por ser moradora do bairro, portanto, uma moradora não típica, na compreensão dos seus pares e da mídia impressa. Levando em consideração as representações destes, a classe média campista, um símbolo de prestígio, tem maior probabilidade de ser encontrada em locais da margem direita da cidade e está, excepcionalmente, no Jardim Carioca, tomado como distinto dos demais bairros de Guarus.

A partir da exposição que fizemos no decorrer deste texto, podemos observar que em um plano virtual as representações sobre a cidade tendem tomar as suas áreas como constituídas por populações homogêneas, fornecendo esquemas de interpretação que privilegiam a identidade social de um grupo em detrimento de outros. Algumas áreas são tomadas naturalmente como composta por grupos possuidores de símbolos de prestígio enquanto outros, possuidores de símbolos de estigma.

Os modos como as representações são operadas garantirão maior privilégio daqueles que, por possuírem atribuições de classe estimadas, conseguirão se impor como o padrão normativo a ser

adotado e valorizado. E como se trata de um espaço urbano, os atributos dos seus moradores em potencial serão imputados ao lugar e, com o passar do tempo, as características começam a ser tomadas como naturais de uma região, servindo como forma de categorização dos moradores que ainda estão por vir, independente do que eles apresentem em termos de identidade social. Os moradores de áreas com histórico de desvios em relação ao padrão normativo estabelecido em experiências anteriores serão tomados como descredíveis, e a circulação destes por diferentes áreas da cidade estará sujeita às tensões que lhes sujeitam a situações de vergonha e indignação em função do modo como seus vizinhos são categorizados em veículos midiáticos ou mesmo em interações face a face.

Como observado, o modo como os rótulos sociais são apreendidos no mundo social é muito difuso, independentemente da situação social imediata. Esta será o momento de tensão e provas em que os diferentes indivíduos irão interagir mediante as expectativas dos envolvidos no ambiente social. Por meio de jocosidade, pexotada ou arguição, os atributos indesejados das áreas indesejadas da cidade sempre ficarão em evidência, e serão percebidos com muito mais clareza por parte daquele que as habitam, uma vez ser esta uma atitude prevista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Renan Lubanco. *O outro lado do rio: mobilizações coletivas e estratégias de enfrentamento em um bairro de expansão urbana da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ*. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora/IFF Fluminense, 2021.
- BLUMER, Herbert. *El interaccionismo simbolico: perspectiva y metodo*. Barcelona: Hora, 1982.
- CARNEIRO, H. G.; CORDEIRO, R. S.; PEIXOTO, I.; REIS, C. P. dos. *Custodópolis e a implantação dos processos*. 1968. Trabalho de Finalização de Curso (Graduação em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1968.
- DEWEY, John. O desenvolvimento do pragmatismo americano. In: \_\_\_\_\_. *Democracia e educação*. Lisboa: Didáctica, 2007.
- FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FREITAS, Carlos Roberto Bastos. *O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: A sedução persistente de uma instituição pública*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2006.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1984.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HUGUENIN, Fernanda. *Guarus. Folha da Manhã*, Campos dos Goytacazes. Blog O cru e o cozido. Disponível em: <<http://www.fmanha.com.br/blogs/ocrueocozido/?p=326>>. Acesso em: 10 maio 2011.
- JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: GUIDDENS, Anthony; TURNER Jonathan. (Org.). *Teoria social hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.
- LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Faperj, 2015.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. *Fazendo a cidade: Trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.
- MEAD, George Herbert. *Mind, Self and Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press, 1974.
- PEIRCE, Charles S. *Como tornar as nossas ideias claras*. Trad. de António Fidalgo. Covilhã: LusoSofia press, 2007.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. A Further Note on Joking Relationships. *Africa: Journal of the International African Institute*, v. 19, n. 2, p. 133-140, 1949.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

- TAVARES, R. O outro lado do rio toma o poder. *Folha da Manhã*, Campos dos Goytacazes – RJ, pág. 9, 28 nov. 1982.
- VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- VIEIRA, Simone Pedro; FARIA, Tereza Peixoto. Os Bairros em tinta e papel: as contribuições da imprensa na construção de imagens e de subjetividade dos territórios urbanos de Campos dos Goytacazes. In: SEMINÁRIO SATURNINO DE BRITO: 100 anos do projeto Saneamento de Campos, 2003, Campos dos Goytacazes. *Anais...* Santa Cruz do Rio Pardo: Editora Viena, 2003.
- SILVEIRA, Adiléa Lopes da; CARDOSO, Christovam Luiz M.; JUNCÁ, Denise C. de M.; MAGALDI, Ivone dos Santos; TOSTA, Késia da Silva. *Na saúde e na doença: um retrato cotidiano das famílias em Custodópolis*. In: SILVA, Vera Lúcia Marques da; JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura (Org.). *Território, vulnerabilidades e saúde*. Campos dos Goytacazes: FBPN/FMC, 2012.
- WERNECK, Alexandre. “Dar uma Zoada”, “Botar a Maior Marra”: Dispositivos Morais de Jocosidade como Formas de Efetivação e sua Relação com a Crítica. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 58 n. 1, jan./mar. 2015.

## NOTAS EXPLICATIVAS

- <sup>2</sup> Sobre este aspecto, há uma longa discussão nos trabalhos de Leeds e Leeds (2015), Machado da Silva (2016) e Valladares (2005), que destacam os diferentes momentos pelos quais as “favelas” passaram a ser alvo de políticas públicas urbanas.
- <sup>3</sup> Em referências aos estudos dos anos 1930 sobre comunidade na região da *North End*, em *New York*, conhecida popularmente por Little Italy, e chamada de *Corneville* por Foote Whyte (2005). O autor destaca em seu trabalho como a região se tornou alvo de uma série de estudos sobre pobreza, etnicidade, imigração, questões raciais, dentre uma série de outras possibilidades de pesquisas e assuntos relacionados às más condições habitacionais da classe baixa norte-americana.
- <sup>4</sup> Conforme Garfinkel (1984), que toma os atores sociais como socialmente competentes diante das situações que lhes são postas.